

NÃO FUME  
EM RECINTOS  
FECHADOS

# A Voz de

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 6\$00) N.º 773  
Ano XXVII 10/4/1980

Composição e Impressão  
«GRÁFICA EDITORA»  
Av. João Ferreira da Maia, 20  
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETARIO  
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração  
Telef. 6 25 36 LOULÉ

## FESTA GRANDE

coroa o ciclo de cerimónias  
em honra de Nossa Senhora da Piedade



O ciclo de festejos em honra e louvor a Nossa Senhora da Piedade é repartido em duas fases: a que se convencionou chamar de «Festa Pequena» e que teve início no Domingo de Páscoa, dia 5 de Abril e a «Festa Grande», que decorre nos próximos dias 19 e 20 de Abril.

Por outro lado, a par das cerimónias religiosas e na esteira de antigas tradições, haverá complementarmente manifestações, não destacantes, de carácter profano tão do gosto popular.

O início das festas está marcado para o dia 19 de Abril e será assinalado com a chegada da Banda da Sociedade Filarmónica Progresso e Labor Samouquense (Montijo), a qual percorrerá as ruas da Vila em saudação à população local.

A noite dará um concerto junto ao monumento do Eng.º Duarte Pacheco.

As festividades de domingo, 20, terão o seguinte programa: (continua na pág. 4)

### FINALMENTE!

## ABERTURA À INFORMAÇÃO NA CÂMARA DE LOULÉ

É mais ou menos do conhecimento geral que as decisões tomadas pela Câmara quanto à solução de problemas que interessam a todos os munícipes não podem ser «segredo dos Deu-

## O CENTENÁRIO DO POETA JOÃO LÚCIO

Com a presença de numeroso público foi inaugurada a Exposição comemorativa do 1.º Centenário do nascimento do Poeta João Lúcio.

Ao acto inaugural, a que assistiu o Presidente do Município, cujo apoio a esta iniciativa vem da primeira hora, tinha como membros de honra Fernando Cabrita, que preside à Comissão, Dr. Joaquim Magalhães e D. Maria Lúcia.

Tomando a palavra Fernando (continua na pág. 4)

## O Governo governa e impõe a legalidade na zona da «Reforma Agrária»

Coeso, sério e implacável quanto à instauração da legitimidade constitucional, o Governo do nosso 1.º Ministro Sá Carneiro, na «Zona da Reforma Agrária», prossegue na sua dinâmica de entrega de terras aos seus legítimos donos, por despossuídos indevidamente quando do assalto a coberto da política irradiada pelo «Governo de Vasco Gonçalves», a da «terra queimada» de tão agrado das hostes comunistas, que se tem arastado e imperado através dos vários Governos, com excepção para o de curta duração do ex-primeiro ministro Mota Pinto.

Além da instauração da legalidade, iniciou o Governo a sua verdadeira política de «Reforma Agrária», a defendida e prometida pelo programa A. D., que tem como lema: a «atribuição de terras a pequenos agricultores», que se está a executar.

Considera Mota Pinto em declarações recentes no «Algarve», que se está a promover a verdadeira política da «reforma agrária», dependendo o seu êxito da confiança depositada nas forças de segurança, que existiu no seu «Governo», vindo a perder-se no presidido por «Maria de Lurdes Pintassilgo», pelo

que se assistiu daí, ao novo alento das forças esquerdistas, contestatárias à aplicação da «Lei da Reforma Agrária».

Quanto às acusações de corrupção feitas ao M. A. P. pelos partidos da Oposição, o antigo primeiro ministro clas-

(continua na pág. 4)

### Doutora Lúcia Pires

### Albuquerque

Fez há dias provas do seu doutoramento em Química e Física, tendo ficado aprovada com louvor e distinção, a nossa conterrânea sr.ª Doutora D. Lúcia Miguel Pires Chumbinho Albuquerque, filha do nosso prezado amigo e assinante sr. José Guerreiro Chumbinho e da sr.ª D. Lúcia Mestre Pires Chumbinho e esposa do sr. Pedro Manuel Lavra Martins Albuquerque, residente em Lisboa.

A nóvel doutorada endereçamos os nossos parabéns e formulamos votos pela continuação da sua já brilhante carreira profissional.

## A Serra do Algarve

continua depenada e abandonada!



No dia 20 de Março, às 11 horas, chegou a Primavera, colorindo os campos de flores, pintando as planícies de rebentos verdes, trazendo o chilrear das andorinhas, cobrindo de novo as copas das árvores ressequidas pela longa invernia...

Cada primavera que nasce insufla ao homem a sensação de que tudo val começar de novo: o ar é mais límpido e puro e a frescura das cores do céu, dos campos e das serras e do mar, é um cântico à Natureza que

percorre as nossas veias como um «rhino de alegria».

E, no entanto, para nós, algarvios, tanta beleza primaveril tem uma dolorosa mancha a ofusca-la: o abandono de tantas décadas a que a serra algarvia continua votada!

Soluções técnicas para o problema da falta de arborização (continua na pág. 2)

ses». E a provar este facto está a circunstância de a lei prever que o público tenha acesso às reuniões da Câmara e até acesso àquilo que fica nas actas e que deve ser a cópia fiel dos acontecimentos registados nas reuniões.

É evidente que há problemas cuja divulgação não tem qualquer interesse, porque são de rotina. Serão problemas a resolver com entidades oficiais e que portanto não têm que transpirar para a rua.

Mas há muitos outros problemas que têm muito interesse, pois toda a gente gosta de saber que sua rua vai ser arranjada, que a estrada tal vai ser construída, que a escola tal não está esquecida e que a água vai chegar até onde faz falta.

Todas estas notícias, que são rotina nas Câmaras, praticamente nunca as divulgamos porque «na Câmara não havia vagar» para tratar desses assuntos e porque nós não podíamos dispor de tempo para ir lá amiudadamente e ficar sabendo que (continua na pág. 2)

### CARTAS AO DIRECTOR

## ALARME EM QUARTEIRA!

A título de curiosidade, passei há dias pelo já famoso «Bairro da Lata» em Quarteira e tive a satisfação de verificar

que a Câmara de Loulé cumpriu o que prometera: mandou colocar, em cada uma das extremidades do bairro, 2 grandes «placards» avisando todos os habitantes de que já não seriam permitidas mais construções clandestinas naquela já tão degradada zona e que qualquer tentativa de nova construção ficaria sujeita à total destruição. É verdade que este trabalho foi feito e será desejável que as pessoas tenham o bom senso de respeitar o aviso, pois, assim evitarão conflitos e situações muito desagradáveis.

Até aqui está, portanto, tudo muito certinho. Só que eu não (continua na pág. 2)

## A Quarteira

abre horizontes à implantação de «Lions Internacional» no Algarve

(VER PÁGINA 7)

## De volta ao tufão presidencial

Nunca a partidocracia foi uma política lúcida. Eleições presidenciais antecipadas? Os factos políticos apontam para uma nova crise sem conclusões definitivas.

O PS, defensor da tecnocracia socializante, cheio de contradições e hesitações, procura criar uma barreira ao Governo AD e aposta, nas presidenciais, ou no General Eanes ou em Nóbrega da Costa, figuras conhecidas a nível nacional, mas cuidadosos demais para avançarem com a ideia de uma Frente Eleitoral da Esquerda. São esquerdistas de surdina, mais defensores do situacionismo político do que propriamente políticos de confrontação, numa altura em que a AD é ainda uma força maioritária. Daí que Vasco

da Gama Fernandes ou Maria de Lourdes Pintassilgo encarnem mais facilmente o espírito so-

(continua na pág. 2)

### Conservatório Regional do Algarve

em viagem de intercâmbio

Uma autêntica embaixada algarvia, composta pelo Coro, alunos de ginástica rítmica, ballet, piano e canto, deslocou-se há dias a Aveiro em visita de intercâmbio cultural e portanto dedicada ao Conservatório Regional daquela importante cidade.

Que veio Cunhal fazer ao Alentejo?

(VER PÁGINA 8)



# ABERTURA À INFORMAÇÃO NA CÂMARA DE LOULÉ

(continuação da pág. 1)

«não havia nada de especial a registar».

Mas fomos sempre insistindo e estranhando. Até que, recentemente, foi encontrada uma solução mais ou menos ideal: o fornecimento de fotocópias das actas camarárias para busca dos assuntos de interesse jornalístico. Concordámos. O material foi-nos fornecido. Entregaram-nos 56 folhas correspondentes às actas respectivas, desde que a nova Câmara tomou posse, ou seja 4 de Janeiro do corrente ano. Afinal tudo tão simples e tão pouco trabalhoso para os serviços camarários.

Como se calcula o material é, portanto, abundante e por isso não podemos divulgar tudo de uma só vez. Começamos hoje e pensamos que assim podemos os munícipes a par daquilo que se vai passando na nossa Câmara, pois entendemos que todos nos devemos interessar pelos problemas que nos dizem respeito. É assim a democracia. É essa a liberdade que não tínhamos. Foi essa uma das grandes conquistas do 25 de Abril. É uma simpática abertura à informação. Uma abertura ao diálogo. Talvez as pessoas depois perguntem a si mesmas porque razão se autorizou a construção da casa tal em tal sítio e «eu não fui autorizado a construir a minha». Talvez os emigrantes de Alte gostem de ficar sabendo que em Santa Margarida vai ser construído mais um prédio de 1.º andar. Que a sua terra está progredindo. Que a construção de mais casas foi autorizada. Que a Câmara encara a possibilidade de dar satisfação às aspirações dos habitantes de Alte, de Salir ou Ameixial, etc., que trabalha para melhorar as condições de vida das populações rurais. Que não se esquece dos problemas da Vila. Que está em constante actividade mas não pode atender a tudo ao mesmo tempo. Que é preciso pensar, estudar, encontrar soluções coerentes e viáveis. Que é preciso, enfim trabalhar com inteligência e ponderação, para que se evitem cometer mais erros flagrantes, mais injustiças clamorosas.

Assim, entre muitas outras coisas, pela leitura das cópias das actas, ficámos sabendo que, nos primeiros dias de Janeiro foi feita uma rápida visita a todas as escolas do concelho, tomando-se conhecimento das carências mais urgentes, tendo sido pedido novo orçamento respeitante aos arranjos a efectuar nas escolas do Malhão e da sede da freguesia de Alte. Também foram tomadas medidas urgentes para se proceder à imediata reparação da escola da sede da freguesia de Salir.

Pela leitura das referidas actas, tomámos conhecimento do ofício do sr. Director Escolar de Faro dirigido à Câmara de Lou-

lé, no qual se estranha que esta edilidade «descursasse por completo, o problema das Escolas deste concelho, nomeadamente a possibilidade de construção de quatro novos edifícios escolares: Clareanes, Parragil, Benfarras e São João da Venda, cujos projectos estavam feitos e orçamentados pela Direcção Geral do Ensino Primário, sendo apenas necessário que a Câmara dispusesse do terreno para a construção das ditas escolas.

Embora, provavelmente, já não seja possível que a construção desses edifícios se faça sem ser a expensas da Autarquia (por já estar em vigor a lei das finanças locais) foram iniciadas as demarches necessárias à negociação dos terrenos, entre a Câmara e os proprietários, nomeadamente em relação à Escola de Clareanes, tendo sido pedida a colaboração do presidente da junta de freguesia de São Clemente que se deslocou ao local e lá estudou, com vários proprietários, várias hipóteses de compra de terrenos para a escola, e das Benfarras, tendo sido também pedida a colaboração do presidente da Junta de Boliqueime, que imediatamente se prontificou a servir de intermediário entre o proprietário e a Câmara.

Em relação à Escola do Parragil foram também encetados os contactos com o dono do terreno, contactos esses, ao que se verificou, que já tinham começado com a outra Câmara, tendo sido prometido pelo dono, que ofereceria o terreno a troca da aprovação de um loteamento no Parragil.

No que respeita à Escola de São João da Venda, tendo-se o Vereador Dr. Bota deslocado ao local, pôde lá estudar o problema com alguns moradores e foram verificadas quais as hipóteses de terreno mais viáveis para a construção da Escola.

Chegou-se à conclusão que o melhor local seria na propriedade do Dr. Olímpio, pelo que o Senhor Presidente da Câmara se prontificou a falar com o filho, dado que o conhece pessoalmente.

Podemos ainda acrescentar que foram vários os ofícios dimanados da Direcção Escolar de Faro a estranhar o silêncio da Câmara de Loulé acerca da solução deste problema das 4 escolas que era urgente construir no concelho de Loulé. Num dos ofícios até se alertava a Câmara para o facto de faltarem apenas 6 meses para terminar o prazo em que a construção dos edifícios escolares para a instrução primária ainda seria da responsabilidade do Estado. «A partir de Janeiro a Câmara será responsável pela construção das 4 escolas com as quais não se tem preocupado até agora». Indiferente a este e outros avisos ficou a Câmara de Loulé que também não se «comoveu» perante os vários ofícios vindos da Direcção Geral de Construções Escolares em que se estranhava que a Câmara nem ao menos se dignasse responder aos ofícios, dizendo que não queira as escolas, para o que o assunto deixasse de estar pendente.

Em palavras precisas e termos concretos, tudo isto significa que, face a atitudes de pessoas que tomavam arbitrariamente decisões pelo telefone, a Câmara de Loulé terá de dispendir milhares de contos (que não tem) com a construção de 4 escolas que o Estado se propunha construir e para as quais a Câmara nem sequer se preocupou em arranjar terreno, como era sua obrigação.

De tudo isto se conclui que a gestão socialista da Câmara de Loulé prejudicou (propositadamente?) o nosso concelho em largos milhares de contos ao recusar que o Estado construís-

se as escolas que compete agora à Câmara construir.

Há quem diga que a Câmara não era «apenas» socialista e há quem responda: «deixá-los fazer asneiras. Quantos mais erros cometerem pior é para eles». E foi. Viu-se o resultado das eleições.

Entretanto há por aí quem ache muito estranho que a Câmara tivesse manifestado tanto interesse em «expropriar» um certo terreno para a construção das escolas do Ciclo Preparatório, dado que a esse nível de ensino compete ao Estado comprar o terreno e fazer todos os demarches para a construção...

E tanto mais estranho que esse terreno a expropriar para a escola foi comprado (inesperada e inexplicavelmente) por uma entidade particular, ficando o Estado privado do terreno que já estava sob palavra para a construção da referida escola.

O problema tomou agora novos aspectos porque a construção da escola implica a expropriação de terrenos anexos e por mais dinheiro e com mais dificuldades e até sem as facilidades de uma oferta que já estava apalavrada se não tivesse havido uma estranha reviravolta do problema.

(Continuaremos).

## De volta ao tufão presidencial

(continuação da pág. 1)

cialista do Mitterrand português. Na rua da Emenda, o PS perdeu a noção de uma política eleitoralista ao proceder a um certo reajustamento com a UEDS e ASDI, lançando as bases para uma Aliança de Esquerda. Mas os Reformadores, Eanistas, distanciados já do PSD poderiam ainda apoiar um outro candidato do PS, quem sabe se a figura imprecisa de um Henrique de Barros histórico. Contudo, Sá Carneiro, político hábil, está atento ao desenrolar da situação e tem crédito político na AD para ser o futuro presidente deste País. A comprová-lo estão as insistências de Carlos Macedo e Júlio Castro Caldas, ex-eanista, na candidatura de um civil e na antecipação das eleições presidenciais. Mas o CDS, justifica a necessidade de um candidato militar para que não exista, a breve trecho, uma rutura entre as relações de equilíbrio militar-civil.

Tudo leva a crer que os centristas poderiam apoiar um Soares Carneiro ou um Lemos Ferreira, considerados nos meios militares como integrados num conservadorismo favorável à disciplina e à autoridade que o País precisa. No entanto, ainda no domínio da AD, apresentam-se outros movimentos a ressonarem as candidaturas de Pires Veloso, com forte implantação no Porto, e de Galvão de Melo, igualmente situado numa área política afeta ao conservadorismo do Norte.

Sucede, porém, que Lucas Pires, o político de maior dimensão no seio da AD, não fala em candidatos mas na revista constitucional para o desenvolvimento democrático. Para ele, a estabilização não depende muito de uma mudança de Presidente mas sim de uma mudança de regime e de uma nova Constituição.

Fora das presidenciais estão o Prof. Adriano Moreira e o General Silvino Silvério Marques, a quem a AD não apoia não por discordância política mas, sobretudo, por um complexo de esquerda ainda predominante. Quanto ao PCP, ele aponta no

## Alarme em Quarteira!

(continuação da pág. 1)

achei bem reparar, minutos depois, que aí se continua a trabalhar no sentido de fazer «progredir um bairro que já não tem razão de existir. E digo isto porque podes constatar que, embora não haja novas construções, a verdade é que continua a fazer-se trabalhos dispendiosos com importantes melhoramentos que já não deviam consentir-se. Casas de madeira estão sendo substituídas por outras de tijolo e outras obras prosseguem em bom ritmo. E o mais incrível é o facto de eu saber de pessoas que têm onde morar e no entanto estão a aumentar a casa que já tinham naquele bairro. Será que o fazem na expectativa de receberem depois uma «boa» indemnização?

E o que dizer dum sr. dr. Veterinário que está construindo não uma simples casa, mas uma autêntica vivenda que não poderá custar-lhe menos de MIL CONTOS?

Depois de concluída e habitada, será fácil a sua demolição? Tenho a certeza que não será fácil e por isso me parece que era AGORA o momento oportuno de TRAVAR a construção da referida vivenda.

Fechando os olhos a mais construções clandestinas, não estará a Câmara a estimular a novas construções deste tipo? Acho que sim.

Ou será que as pessoas constroem agora, e rapidamente, pensando já em exigências e mais exigências ou avultadas indemnizações quando forem convidadas a abandonar as «suas casas»?

Algo está apodrecendo no «reino da Dinamarca».

O alarme está feito. É tempo de agir com discrição e coragem... antes que os novos «habitantes» da lata possam dizer: «já tendo um teto, só saio daqui se me oferecerem outro».

O perigo está latente. É preciso estar alerta.

Não podemos continuar a ser o «País da Bandalheira».

Um Quarteirense

## A SERRA DO ALGARVE continua depenada e abandonada!

(continuação da pág. 1)

da serra algarvia encontram-se no pó dos arquivos — desde «A Valorização da Serra Algarvia» do Prof. Gomes Guerreiro (secretário de Estado do Ambiente num Governo de Mário Soares) até aos projectos em que colaborou o Eng.º Leal de Oliveira (antigo deputado no regime anterior) visando a transformação do Algarve num imenso pomar de citrinos.

Israel, o território agreste onde a Natureza parecia condenada a gerar pedras e nada mais do que pedras, é hoje o maior produtor mundial de laranjas, que saem dali, em rendosa exportação, para a própria Europa...

Podem os especialistas considerar que já existe no mundo uma superprodução de citrinos (laranjas, tangerinas, tangeras, limões... clementinas...) e, nesse caso, a ideia é de não seguir. De acordo. Mas então a serra algarvia, cuja flora é riquíssima onde se tem com ela um mínimo de cuidados, não pode ser aproveitada para eucaliptos que tanta falta fazem à indústria de papel? E quem fala de eucaliptos...

Existem no Algarve Centros da Reforma Agrária tarbalhando em quê?

Uma verdadeira Reforma Agrária no Algarve, exige que se aproveite a serra algarvia para além da sua riqueza paisagística como território quase virgem, em certas zonas, como o Barranco Velho ou o Azinhal, onde, na fronteira com a Espanha, o Alentejo se separa do Algarve.

Espera-se que no Congresso Nacional do Algarve, a realizar já em Abril, surjam projectos concretos para que se passe das palavras à acção... Faltam apenas vinte anos para se chegar ao ano 2000 da era de Cristo... É inconcebível que a serra algarvia, no quadro da Nova Europa, possa continuar a ser um território onde raras vazas a mão do homem põe o pé...

O-DOS-COPOS

L. P.

## Vivenda e Armazém

Vende-se ou aluga-se Vivenda e Armazém, na Av. do Cemitério — Loulé.

O armazém tem área superior a 200 m2.

Tratar no próprio local.

(4-4)

## VENDEDOR

Precisa, armazém de mercadorias.

Nesta redacção se informa.

(3-3)

## Uma oportunidade

EXCURSÃO FEIRA DE SEVILHA

4 DIAS: 23 A 27 DE ABRIL

Transporte, Hotel e p/ almoço: 5700\$00

ACEITAM-SE INSCRIÇÕES — A. T. I. S.

Av. Infante de Sagres, 145 — QUARTEIRA



# ECONOMIA POLÍTICA

A Empresa por dentro — A contabilidade

Existem pequenas Empresas às quais se pode tolerar e admitir atrasos na sua respectiva «Contabilização»; mas a maior parte e particularmente aquelas que pelo seu especial objecto de comércio ou indústria, — a estas em condição nenhuma. O atraso na contabilização numa Empresa Pública ou Particular denota:

Negligência da Direcção — incompetência e irregularidades. O primeiro caso é devido a que não se dá a devida importância, nem se considera o valor que realmente a Contabilização tem, para a Vida e situação duma Empresa; alguns gestores encaram a Contabilidade, — melhor dito, a «Contabilização», porque a «Contabilidade» é a ciência das contas e a «Contabilização» — é o processo, é o sistema ou a arte de registar essas contas; assim, vamos repetir, alguns Directores encaram-na apenas, como uma função burocrática e simplesmente como um requisito a cumprir.

Logo, se trata duma grave equívoca — pois a Contabilização Mercantil, devidamente arrumada e em dia — é um grande instrumento e um valioso auxílio, para a boa gestão duma Empresa, — porque da mesma se podem extrair prontamente elementos e termos de comparação, para uma boa orientação, para a prática de novos negócios.

Nas Empresas onde não existe um plano Contabilístico, isto é, um regular preceito e particularmente, onde não há a divisão de trabalho, pois por vezes se dá conta de os escriturários estarem a desempenhar funções em outros serviços — mais próprias de um chefe de Administração do que as suas próprias, e este abandono, uma vez e outra, da sua missão, para atender a outros serviços co-

mo já referido — acabam por conduzir a um atraso na Contabilização da Empresa.

Quando se procura remediar esta situação e pôr a escrituração em dia, o volume de documentos, pendentes de registar, é tal, que para poder normalizar a situação, recorrem a efectuar assentos globais — o que é, jurídica e tecnicamente irregular por desvirtuar a sua originalidade.

No que concerne, à incompetência antes referida, — o remédio está nas Escolas Técnicas — pois precisamos de muitas e boas; todo o país que esteja industrializado e que tenha de exportar os seus produtos manufacturados, terá que criar boas Escolas Técnicas, para que possa contar com uma boa e eficiente Tecnologia Comercial e Industrial, para a prática dos vários Actos e Factos Gestivos que da mesma derivam e que concorrem favoravelmente como o melhor sucesso em relação a outros nossos competidores.

Relativamente aos atrasos da contabilização duma Empresa, — para obstar a este grave in-

conveniente, — é necessário a adopção de um preceito que importa cumprir em períodos regulares, digamos, pela apresentação de balancetes do Razão e do C/C. mensalmente. Ainda em matéria de «Contabilização», aproveitamos para referir que é muito frequente ver-se nas alturas próprias, através de jornais, a publicação de Balanços Gerais, Contas de Exercício e Relatório das sociedades sujeitas a esta publicação, como por exemplo, as Anónimas e as por Quotas de RL, — mas, ficamos sempre na mesma, sem saber o que dizer, i. é., sem poder formular uma opinião, em matéria da sua exactidão — porque falta, exactamente, a peça principal — que é o Balancete Contabilístico do Razão, respeitante ao exercício em questão, — pois é o ponto de partida, — é a comprovação do BALANÇO GERAL, — digamos, é a prova real do mesmo. Para terminar, digamos, que em todos os casos, se recomenda a toda a Empresa que sob nenhum pretexto se admita atrasos manifestos na Contabilização.

## ACONTECEU NO AMEIXIAL QUANDO OS JOVENS QUEREM... OS PROBLEMAS RESOLVEM-SE

Depois dum fatigante ano de trabalho, um casal de meia idade dirige-se cheio de contentamento para a aldeia do Ameixial — na Serra do Caldeirão.

Todo o caminho é percorrido sonhando com a beleza dos campos, o serpentear da ribeira do Vascão e a tranquilidade que se respira na casinha modestíssima onde serão passados os melhores dias de férias...

Mas, ao chegar à aldeia, sempre querendo adivinhar qual o rosto amigo que primeiro avistariam, o carro é rodeado pelos mais pequenos amigos do casal.

Falando todos ao mesmo tempo, diziam que a porta da casinha estava tapada de pedras, a rua não existia e era muito difícil entrar em casa. De repente as nuvens escureceram o dia que se anunciava tão alegre...

Mas a desesperança foi rapidamente transformada pelo vazar de todos que diziam: «Nós ajudamos os primos, a madrinha a entrarem em casa» e o que parecia impossível, aconteceu porque 8 meninos — o Diniz, a Paula, a Irene, a Luísa, a Isabel, o Guerreirinho, o Eduardo e o José Luís — dos 4 aos 15 anos, transformados em rápidas formigas e trabalhando com tudo o que lhes chegava à

mão: paus, sachos, etc., desimpediram e abriram a porta.

Agora, o problema seria o transporte de tudo que o casal trazia, além do necessário, o ferro-velho, que sempre acarrearam para alindar o ninho que servia no fim da vida de «doce lar de recordações».

Os mesmos meninos não desistiram e, pela Vala aberta, para que na Aldeia haja água, luz e esgotos, começou uma fila, disputando quem poderia levar mais e com mais cuidado, tudo o que existia para entrar em casa.

E com lágrimas de agradecimento nos olhos, o casal viu ainda desfilar um a um entregando um baldinho com água, para que tudo ficasse completo.

Nesse dia, havia mais um casal feliz nesta Aldeia acreditando nos homens de amanhã.

PEDRITA

## MARXISTAS CONFESSAM

«Depoendo o Mundo ocidental da posse dos países coloniais, reduziremos os lucros do capitalismo, diminuindo o nível de vida das massas trabalhadoras e criando assim a situação necessária para os movimentos revolucionários...» — (Stáline, em 1948).

«Em parte alguma as classes trabalhadoras podem triunfar sem primeiramente se verem reduzidas ao desespero e ao sofrimento. É necessário fomentar crises em todas as classes para que os trabalhadores sofram e, assim, se revoltarem» — (Lénine).

«Mesmo que escandalize os socialistas, direi que a primeira obrigação dos comunistas é a de defender a Rússia». (M. Cachin, «Humanité», 25-5-1936).

«A França é a nossa terra, mas a Rússia é a nossa Pátria». — (1940, Juventude Comunista Francesa).

Falando dos europeus: «Serão vencidos, porque têm escrúpulos». (Lénine).

## Serviço de Avisos do Algarve

### INFORMAÇÃO N.º 1

#### CITRINOS

Prays citri (Traça). Aconselhamos os Senhores agricultores que devem ter especial atenção aos ataques desta praga, principalmente nos limoeiros, quando estes estão em floração e com frutos de reduzido tamanho, comprometendo, em certos anos, a sua quase total produção.

São recomendados os tratamentos com Fosfamidão como substância activa, antes e depois da floração (pré e post-floração).

#### PESSEGUEIROS E DAMASQUEIROS

1 — Leptra, Crivado e Moniliose.

Recomendamos logo após a queda das pétalas um tratamento com fungicida orgânico, com base em qualquer das substâncias activas: Captana, Tirame e Ziram.

2 — Oídio

Aplicar de imediato uma das seguintes substâncias activas: Dinocape, Enxofre e Quinometionato.

3 — Moniliose

Nos pomares onde sejam assinalados habitualmente focos desta doença e como medida de precaução, aconselhamos fazer um tratamento logo após a queda das pétalas com uma das substâncias activas: Benomil, Mancozebe, Manebe e Zinebe.

#### VINHA

1 — Oídio

Nesta época e fora das horas de maior calor deve usar Enxofre em pó. Este pesticida tem também acção acaricida.

Podem ainda ser usadas as substâncias activas, Triadimefão e Dinocape, contra os ataques desta doença.

2 — Pulgão

Esta praga pode ser combatida com as seguintes substâncias activas: Lindano, Malatión, Azinfos-etilo-Lindano, Fosfamidão, Paratión, Carbaril e Azinfos-etilo.

3 — Botrytis cinerea (Podridão dos cachos).

Verificou-se um ataque intenso desta doença em certas vinhas da Região, provocando fortes necroses em folhas jovens.

São recomendadas como tra-

tamentos as seguintes substâncias activas: Benomil, Diclofluanida, Iprodiona e Vinclozolina.

Estas substâncias são conhecidas no comércio por Benlate, Euparene, Rovral e Ronilan.

Para qualquer informação mais detalhada, dirija-se ao SERVIÇO DE AVISOS DO ALGARVE, Rua do Município, n.º 13-r/c — Faro, Telef. 22284.

O Responsável do Serviço de Avisos do Algarve

Joaquim P. M. Horta Correia (Eng.-Agrónomo)

## SEMINÁRIO DE FORMAÇÃO FAMILIAR

Promovido pela Confederação Nacional das Acções de Família (CNAF), realizou-se em Olhão nos dias 29 e 30 de Março, um seminário sobre política familiar.

Nele foram tratados temas da maior importância para o equilíbrio da célula familiar e sobre o Associativismo de Raiz Familiar, bem como a análise dos fundamentos sociais e morais da Família.

Os temas foram desenvolvidos pela Dr.ª D. Maria Alexandrina de Matos e pelo Dr. Teófilo Augusto Gonçalves.

Do seminário resultou a criação da «Associação Familiar como Parceiro Social» (AFAPS) em Olhão, a primeira a ser fundada no Algarve, que passa a ser gerida pelos seguintes associados:

Presidente, António Jacinto Ferreira; Vice-Presidentes: Dr. José Baltazar e D. Francisca Santos Costa H. Correia; Secretário: José de Sousa Graça; Tesoureiro: José Pedro Cândido da Silva. Vogais: Eng.º Joaquim Patrício Horta Correia, D. Maria Celina Botelho Graça, D. Maria Laurette Mascarenhas, D. Maria João Faustino Ferreira e D. Maria do Carmo Pastagal da Silva.

A numerosa assistência assistiu com o maior interesse a todas as sessões deste seminário.

## CANTINHO DO LEITOR

### SONHEI

É triste acordar dum sonho que foi belo,  
Onde houve só paz e nenhum duelo,  
Onde tanta meiguice e carinhos recebi,  
Onde os teus olhos eram espelhos,  
E eu via dentro de ti.

Nele eu sentia o desejo sedento de amar,  
De muito receber para muito dar,  
De profundamente sentir sem tocar,  
Sim! Eu estava a sonhar.

A noite acabou e o dia chegou,  
Mas um sonho ficou.

E com ele a vontade louca de gritar  
De que nunca é tarde para amar,  
De me sentir gaivota e poder voar.

PAULA



A Voz de Loulé, n.º 773, 10-4-80

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

ANUNCIO

(2.ª publicação)

Por este Tribunal, 2.ª Secção, na execução ordinária n.º 23/75, movida por José Augusto Pinto contra José Augusto Coelho e Pinto e mulher Mariana Adelaide Messias Costa Coelho e Pinto, correm éditos de 30 dias, a contar da 2.ª publicação deste anúncio, notificando o condómino FRANCISCO HERRERA AMIGO, solteiro, maior, comerciante, brasileiro, ausente em parte incerta do Brasil, cuja última morada conhecida foi na rua Basílio Teles, 3-A, Portimão, por despacho de 19 de Janeiro último que ordenou a penhora no direito a 1/2 que os executados possuem no prédio rústico sito no Vale da Areia, Ferragudo, Portimão, inscrito na matriz sob o art.º 860, direito que fica à ordem do Tribunal, podendo notificando, no prazo de 5 dias, que começa a correr depois de findo o dos éditos, fazer as declarações que entenda quanto ao mesmo direito e ao modo de tornar efectivo.

Loulé, 28 de Março de 1980.

O Juiz de Direito, Mário Meira Torres Veiga

O Escrivão de Direito, João-Maria Martins da Silva

## Pesqueiro fugido de Angola

O atuneiro de oitenta toneladas «Cruzeiro do Atlântico», que saiu a 5 de Dezembro de Cabinda, encontra-se em Olhão.

Contactados pela ANOP os tripulantes — três portugueses e dois angolanos — foram bastante sóbrios em declarações.

Apenas afirmaram que «não faziam cinco mil milhas por desporto», embora acrescentassem que não tinham sido mal tratados em Angola.

Os três portugueses são Custódio Salvador Soares, proprietário, Custódio Graça Soares e José Lúcio Leal da Silva. Os dois angolanos são Pedro Chipenda e António Manuel Kulembu.

O «Cruzeiro do Atlântico» escalou Dakar antes de se dirigir à costa algarvia.



# Para os que têm ouvidos e não ouvem O GOVERNO GOVERNA Para os que têm olhos e não vêem e impõe a legalidade na zona da «Reforma Agrária»

XIV

É de salientar a forma lapidar como o Dr. José D'Alpoim coloca o valor do seu colega, ainda que adversário, das lides parlamentares, como homem inteligente, parlamentar de talento, espírito vibrante e subtil, algarvio amantíssimo da sua província, chefe de família exemplar, homem estoicamente sofrido; pelo que tudo o que além de tais qualidades tão altamente reconhecidas, fôr afirmado descendo à incompreensão de que foi alvo, à mesquinha dos zollos feridos na sua inveja e à pobre vaidade dos que tudo se julgavam e nada eram, pouco mais adianta e o enobrece.

E para terminar algumas passagens ilucidativas quanto à personalidade, íntegra, de Marçal Pacheco, escritas pelo redactor do jornal do tempo «O Algarvio» sr. José Bernardo de Aragão Teixeira:

Disse ele:  
Vão já decorridos trinta dias que na Fonte da Esperança se apagou o fulgurantíssimo espírito de Marçal Pacheco, e ainda se nos afigura um sonho a triste realidade!

A estima, respeito e admiração que, em grau tão subido, nos impunham o carácter austero e o talento peregrino do homem mais notável da nossa província e do nosso tempo, colocando a sua organização privilegiada numa esfera superior, luminosa, quase nos não deixam acreditar que ela estivesse sujeita às leis da natureza.

E na verdade, nada mais emocionante e doloroso do que ver adelgaçar-se gradualmente e ir-se a pouco e pouco extinguindo o fio de uma vida tão cara e a luz duma inteligência tão assombrosa!

Do notável parlamentar, que, nas duas câmaras, tão brilhante rasto deixou da sua passagem e do primoroso polemista que na imprensa tão assinalados triunfos alcançou apenas resta hoje um nome ilustre e imaculado e uma lembrança saudosíssima.

Infeliz e querido amigo.  
E depois:  
A instâncias de amigos velhos e dedicados, que lhe reconheceram o valor e lhe profetizaram um futuro brilhante, o novel e inteligentíssimo advogado enceu-tou a carreira política, filiando-se no partido regenerador.

Pouco depois foi eleito deputado e, no parlamento tais e tão evidentes provas deu das suas excepcionais aptidões e da pujança das invejáveis faculdades intelectuais, que o seu nome se tornou logo conhecido e respeitado em todo o País, e vários círculos eleitorais se disputaram a honra de o reeleger!

Da sua terra, porém, — como é triste confessar-se isto — só passados alguns anos conseguiu ser representante em Cortes.

Por largo espaço de tempo, e movidos pela vaidade e pela inveja, guerrearam-no ferozmente os grandes e os felizes GRANDES... porque encontraram nas arcas dos pais uns miseráveis

cobres; felizes porque não pensam nem sentem!

Haviam visto nascê-lo humilde e pobre — sem pergaminhos e sem um palmo de terra — e não podiam por isso que ele se levantasse e subisse na escala social!

Onde eles — senhores de vastas propriedades e de adorados tesouros — não podiam chegar, muito menos, no seu acanhado critério, podia ascender um filho dum modesto artista.

Como se a inteligência fosse predicado dos ricos e dos poderosos, e como se a sociedade só se compusesse de cretinos e de maus!

Continuando, disse ainda:

E num curto lapso de tempo, auxiliado principalmente pela sua clara razão e pelo seu prodigioso engenho, o nosso ilustre conterrâneo ocupou um dos mais elevados lugares da burocracia, e recebeu dos poderes públicos as maiores distinções.

Era, além disso, gran-cruz e possuía diversas condecorações nacionais e estrangeiras. Mas o certo é que — seja dito em honra da sua veneranda memória — Marçal Pacheco cuidou muito dos outros e muito pouco de si.

Se fosse ambicioso ou o espiçasse a vaidade, o brilhantismo, o prestigioso parlamentar — cuja actividade e cujo talento uma doença cruel e peritir — não deixou desenvolver e manifestar-se em toda a sua plenitude — teria incontestavelmente conquistado maior representação social e mais subidas honrarias.

Podia mas não quis.  
Modesto e despretencioso, preferia ser útil aos seus amigos

e à sua terra, que tantos cuidados lhe mereceram e tão inolvidáveis finezas lhe devem. Grande espírito! Nobre alma.

Se como homem público, o Dr. Marçal Pacheco era, no seu país uma figura proeminente, um vulto aureolado e glorioso, como simples cidadão, na sua vida particular e íntima, era um modelo vivo e perfeito das mais respeitáveis qualidades, das mais santas virtudes.

Como marido, como pai, como irmão e como parente, ninguém o excedeu em requintes de afecto e em extremos de amor, que não trepidavam nem recuavam ante o sacrifício.

A sua amada terra, a família, os amigos e os pobres eram o objectivo de todos os seus pensamentos — a sua principal e quase única preocupação.

E calemo-nos. Que repouse, que durma numa mansão dos justos quem tão justo foi e tanto sofreu!

E este homem, este louletano que tanto honrou a sua terra e a sua província, este algarvio indefectível, este português de tempera, este orador fluente que muito elevou a sua província, este amigo do seu amigo tanto quanto podia sê-lo, jaz hoje lamentavelmente esquecido numa abandonada catacumba do cemitério da sua terra, onde ninguém — nem mesmo os ilustres edis camarários que se sucederam — vêm colocando, como preito de homenagem a um louletano ilustre, uma simples e humilde flor.

É triste! É lamentavelmente verdade! O que é pena.

M. J. VAZ  
(Continuação)

## Festa Grande coroa o ciclo de cerimónias em honra de Nossa Senhora da Piedade

(continuação da pág. 1)

9 horas — Alvorada de Morteiros.

10 horas — Volta à Vila pela Banda de Samouco (Montijo).

11 horas — Procissão com a imagem de Nossa Senhora da Piedade que sairá da Igreja de S. Francisco para junto do Monumento a Duarte Pacheco, acompanhada da Banda Filarmónica de Samouco. Ai permanecerá à veneração dos fiéis até à hora da Missa.

16 horas — Celebração da Missa Campal presidida por Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Bispo do Algarve, com Sermão ao Evangelho.

17 horas — Saída da Procissão, que percorrerá as artérias habituais da Vila, com paragem no Largo S. Francisco, frente à Igreja. Regresso à Ermida.

22 horas — Concerto pela Banda Filarmónica Samouquense (1.ª parte).

22.45 h. — Exibição do Rancho Folclórico Infantil de Loulé, com o seu novo conjunto de acordeons, em estreia.

23.15 h. — 2.ª Parte do Concerto pela mesma Banda.

24 horas — Fogo de Artificio. As festas são organizadas pela Câmara de Loulé e Paróquia de S. Sebastião e têm o patrocínio da Comissão Regional de Turismo do Algarve.

## PRECISA-SE

Mecânico para motores a Diesel.  
Tratar pelo Telefone 62482 — LOULÉ.

(2-2)

## AMENDOEIRA

Vende-se propriedade composta de casa e terreno todo murado com 3 300 m<sup>2</sup> e courela de terra de semear com árvores, com 7 620 m<sup>2</sup>, ambas situadas no sítio da Amendoeira.

Informa-se na firma LUAUTO ACESSÓRIOS, na Av. José Costa Mealha, 37 — LOULÉ.

(2-2)

## O CENTENÁRIO do poeta João Lúcio

(continuação da pág. 1)  
Cabrita traçou a biografia do Poeta, aproveitando para apresentar as intenções do que vai ainda fazer como complemento das comemorações.

Entretanto foram lidos alguns poemas pela D. Maria Lúcia, tomando a palavra o Dr. Joaquim de Magalhães que, com a característica da sua palavra e pela forma como expõe, prendeu a assistência presenteando-a com poemas mais vincados do Poeta.

Com mais vibração e entusiasmo encerrou a sessão D. Maria Lúcia, lendo mais alguns poemas.

**Nosso Comentário:**  
Aplaudimos iniciativas destas sempre patrocinadas pelas Autarquias como forma de descentralização Cultural. Isto poderá servir como exemplo.

Aplaudimos a execução de uma colecção de 4 postais com a mesma fotografia do Poeta e poemas diferentes e,

Lamentamos a pouca representação Farense a este acto.

Finalizamos homenageando o Poeta com um dos poemas, dos tais:

«Olha a gente p'ra si: Desce ao fundo do peito,  
Vai connosco também a mesma escuridão:  
Parece-nos, à vista o coração estreito,  
E o infinito está dentro do coração...»

Do livro «Descendo» (1901).  
Faro, 22-3-1980.

C. SIMÕES

Rematando: eu nunca disse nem poderia dizer, que tinha sido a «Polícia Judiciária» a fonte de informação, das personalidades a que fez referências.

Tendo dito sim, que: o processo foi mandado instaurar por «Vaz Portugal» e entregue a P. J.

Talvez o P. S., segundo parece pelo intuito do seu comunicado queira agora intimidar a própria «Polícia Judicial».

Em Barcelos realizou-se a reunião de Delegados da C. A. P., com a presença do seu secretário geral e outros membros da sua direcção, em Assembleia, com o fim de: «análise da situação política e seus reflexos na agricultura».

Também foram abordados mais três pontos: análise dos meios de actuação com vistas a prevenir o escoamento e comercialização da batata, fruta, vinto, azeite, etc., além de outros problemas com interesse.

Realizou-se também em Barcelos, um plenário de agricultores do Centro e Norte do País em que participaram José Manuel Casqueiro e o presidente da C. A. P. eng.º José Maria Queiroga, entre outros dirigentes da Confederação.

J. MATOSO

## ALUGA-SE

Apartamento com três assoalhadas e garagem, situado na Rua Frei Joaquim de Loulé.

Informa na Rua dos Combatentes, n.º 24-1.º — Campina — LOULÉ.

(2-2)

## VENDE-SE

Casa no Alto da Corredora, n.º 9

Nesta redacção se informa

(2-2)

## LUÍS PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

N.º 31 — Telef. 62406

LOULÉ

## CLÍNICA OFTALMOLÓGICA E PEDIÁTRICA

MÉDICOS ESPECIALISTAS:

DR. PALMA NUNES  
Doenças dos Olhos

DR.ª PAULINA SANTOS  
Doenças das Crianças

Marcações pelo Telefone 28704  
FARO

(8-2)



## APARTAMENTOS E TERRENOS

ALUGAM-SE E VENDEM-SE APARTAMENTOS

E TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO E AGRICULTURA.

TRATAR COM CONCEIÇÃO FARRAJOTA, RUA D.

AFONSO III - R/C, Fte. — QUARTEIRA, OU PELO TE.

LEFONE 65852 (das 20-22 h.).

(12-9)



# O drama da Olivicultura em Portugal

(Continuação)

Chamemos por isso a atenção da Estação de Olivicultura de Elvas e dos organismos do Ministério da Agricultura e Pescas para o problema da facilitação da recolha da azeitona dos 50 milhões de oliveiras que a Estimativa de 1954, acima referida, dizia que existiam em todo o País.

Supomos que a mecanização da colheita da azeitona contribuirá para a diminuição do custo de produção do azeite, tanto mais que se sabe que os braços mais válidos da Agricultura portuguesa trabalham no estrangeiro.

Sucede, porém, que o Instituto do Azeite e Produtos Oleaginosos ofereceu-nos uma cópia de uma publicação do Conselho Oleícola Internacional, de Junho do corrente ano, sobre a colheita da azeitona, bastante desenvolvido, no qual são analisados em profundidade os custos daquela colheita, comparando, em diferentes países, o custo da apanha mecânica com a apanha manual.

Em Itália, a colhedora SR12, idêntica à que existe em Elvas, foi utilizada numa exploração de 5000 oliveiras com a densidade de 10x10 metros. As árvores possuíam um só tronco com vários ramos dispostos em forma de cone, portanto adaptáveis à colheita mecânica.

A máquina fez duas passagens, com a queda de 90% da azeitona, colhendo 15 árvores por hora.

Numa parte do olival as árvores produziram 25 kg cada, e noutra, 15 kg o custo da apanha mecânica foi de 274/kg e de 732 na apanha manual.

Na parte do olival em que as oliveiras produziram 15 kg/árvore, o custo foi de 474/kg de azeitona, na colheita mecânica e 854/kg na apanha manual.

Nestas condições, o benefício obtido numa só campanha foi de 79%, no 1.º caso, e de 39%, no 2.º caso (árvores com 15 kg de azeitona).

Concluindo, a economia realizada permitiu amortizar rapidamente o investimento feito com a campanha da máquina colhedora italiana.

Outros cálculos foram apresentados no que respeita à colhedora constituída por um vibrador de troncos, de cesto elevado, mas que apenas deve ser aplicado em árvores de grande porte e de frutificação abundante.

Em França, os custos da colheita de um quilograma de azeitona, em Outubro de 1977 variou entre 4\$90 e 13\$80, consoante o tipo de máquina empregado.

Em Espanha também o problema da mão-de-obra sofre da sua carestia nos campos, dado o êxodo rural acentuado neste país.

Os estudos económicos de 1977 não discutiram o emprego das hormonas vegetais que facilitam o amadurecimento e a queda simultânea de grande quantidade de azeitona, mas concluíram que a sua utilização não é rendível a partir do momento em que o vibrador dos troncos passa a fazer cair, sem tratamento prévio, 80 a 90% da

azeitona.

Em 1974 a colheita de 1 kg de azeitona ainda custava em Espanha, entre 2,2 pesetas, na colheita manual e entre 1,7 e 1,3 pesetas para a colheita mecânica com, respectivamente, 90 e 100% de eficácia.

Um quadro do custo da colheita da azeitona em Espanha, em 1977, por meio de vibrador e operações conexas, detalhada nas diferentes fases da operação, e variando com a produção das oliveiras desde 10 kg por árvore até 60 kg, fazia variar desde 3,64 pesetas (2\$75) até 1,60 pesetas (1\$21).

Em Portugal (e não mencionando os custos da apanha na Tunísia e na Argélia, que também foram estudados), diremos que os pesquisadores do Instituto Nacional de Investigação Agrária realizaram, em 1979, um estudo conciso que compreendeu as seguintes fases:

1 — Apanha das azeitonas caídas no chão (manual).

2 — Vibração das árvores e deslocação manual dos panais.

3 — Colocação das azeitonas em sacos e transporte.

4 — Colheita complementar, manual.

5 — Limpeza mecânica das azeitonas, operação esta feita por uma máquina portuguesa que permite limpar 3950 kg por hora.

Os encargos fixos por árvore são calculados tendo em conta a amortização e o juro do capital empatado com a compra do vibrador, o n.º de anos de utilização do material, o n.º de horas de trabalho manual, o custo de mão-de-obra em equipas de 9 homens, o custo do aluguer do tractor e o tempo de trabalho.

Segundo os ensaios efectuados no Centro de Investigação e Divulgação Agrária de Elvas, os custos de colheita foram os seguintes:

Variedades, eficácia de vibração em %, custo por kg em escudos e por árvore em kg., respectivamente:

Galego	46	3\$57	58
Galego	53	3\$22	53
Galego	58	3\$48	27
Galego	65	2\$83	37
Galego	71	3\$00	22
Carrasquenho	66	5\$45	8,5
Carrasquenho	94	3\$22	11
Carrasquenho	96	2\$14	16
Bhunqu. verde	63	3\$92	18

Deve notar-se a diminuição do custo monetário quando aumenta a eficácia da vibração e a produção por árvore.

Este mesmo cuidado de rentabilidade impõe-se ao debruçarmo-nos sobre a apanha e mecanicamente da azeitona, a qual, quando feita com panos manobrados mensalmente absorve 33% do tempo de trabalho e limita o rendimento do vibrador. Segundo os pesquisadores da Estação, representa uma diminuição de quase 50% do custo que se pretende esperar da mecanização desta operação.

No que diz respeito aos produtos hormonais que facilitam a queda da azeitona, os pesquisadores notavam igualmente que o seu emprego conduzia a uma diminuição do custo da colheita por quilo de, apenas, \$50, o que não compensa o preço do produto empregado.

As experiências prosseguem para estudar o seu rendimento nas árvores de elevada produção.

Em conclusão:

A comparação dos resultados das colheitas da azeitona em vários países demonstram o interesse de adaptar os métodos mecânicos da colheita na maior parte das actuações.

A economia chega a ultrapassar os 50% do custo da colheita manual.

Todavia, esta economia resulta de numerosos factores, tais como o tipo de plantação, a característica do porte da árvore e o nível do preço da mão-de-obra que pode influir na eficácia técnica das soluções pretendidas ou, até, contribuir para que não sejam rentáveis.

Assim, em certos países como a Tunísia e Sardenha, o rendimento da mecanização é quase nulo. Em Portugal, a eficácia técnica real é fraca — e daí aconselham-se os produtos químicos para facilitar a queda.

(continua na pág. 6)

## II Jornadas Cooperativas das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo do Algarve

A União das Caixas de Crédito Agrícola Mútuo do Algarve S. C. R. S. I. vão levar a efeito no próximo dia 12 de Abril, no Ginásio do Liceu Nacional, em Portimão, as II Jornadas Cooperativas das Caixas de Crédito Mútuo do Algarve. No sábado, pelas 9 horas haverá a recepção aos participantes com apresentação de cumprimentos pelo presidente da direcção da cooperativa de crédito de Portimão, dando-se início aos trabalhos pelas 10 horas.

Na primeira sessão, sob o te-

A Voz de Loulé, n.º 773, 10-4-80

### TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

Secção Auxiliar  
Ex. Sumária 45/79

### ANÚNCIO

(2.ª publicação)

FAZ-SE saber que por este Tribunal Judicial de Loulé, correm éditos de 20 dias, contados da segunda e última publicação do presente anúncio, CITANDO os CREDORES DESCONHECIDOS do executado Francisco Jacinto Neves Oliveira, comerciante, residente na Rua 5 de Outubro, em Loulé, para no prazo de 10 dias, posterior ao dos éditos, reclamarem o pagamento de seus créditos pelo produto dos bens penhorados sobre que tenham garantia real, na execução sumária movida por Sincal — Sociedade Industrial e Comercial de Abrasivos, com sede em Abrunheira — Sintra.

Loulé, 4 de Fevereiro de 1980.

O Juiz de Direito,  
a) Mário Meira Torres Veiga

O Escrivão de Direito,  
a) Américo Guerreiro Correia

## Intercâmbio turístico Portugal - Itália

Não apenas pelas afinidades latinas que são base da origem de ambos os povos, como ainda por muitos outros factores a que sempre temos estado ligados, italianos e portugueses sempre se entenderam bem e se visitaram mutuamente.

É até particularmente notória a simpatia que os portugueses sentem pela Itália, podendo-se até dizer, sem receio de exagerar muito, que a Itália é um dos países que a generalidade dos portugueses mais gostaria de conhecer.

Aliás isso é facilmente compreensível, pois a monumentalidade histórica da Itália tem algo de fascinante não apenas para os admiradores da arte, mas também para quem gosta de apreciar o trabalho do Homem e a beleza da paisagem daquele admirável país mediterrânico.

Pátria de grandes pintores, escultores, músicos, sábios e de outros valores que são honra e glória da Humanidade, a Itália sempre tem sido um país voltado para o turismo, pois a sua história está ligada à história universal.

Daí uma das razões porque tantos milhões de turistas pro-

curam a Itália para as suas férias e também um dos motivos porque os serviços oficiais do turismo italiano desenvolvem notória actividade para canalizar mais e mais turistas para o seu país.

Podemos afirmar isto porque há dias estivemos presentes numa conferência de imprensa promovida pelos Serviços de Turismo italiano em Portugal e verificámos o interesse manifestado para que seja ainda mais incrementado o intercâmbio turístico Portugal-Itália.

A referida reunião teve lugar no Hotel Sol e Mar em Albufeira e serviu também para mostrar a todos os presentes a beleza da paisagem italiana e a riqueza impar dos seus monumentos que são fruto de grandes fúrias que transmitiram na tela e na pedra uma capacidade criadora oficialmente equiparada.

Através do filme que foi projectado e dos livros que foram gentilmente oferecidos, podemos admirar a grandeza duma nação que, ao longo dos séculos, tem sabido impor-se a consideração do mundo, pela obra de homens que foram seus filhos e grandes entre os maiores.

Pelo que disse o representante da Alitalia, ficámos também sabendo que vão aumentar o número de voos daquela companhia como da TAP, o que mais uma vez confirma o crescente interesse dos italianos por conhecerem o nosso País.

Após a conferência de imprensa, foi oferecido um jantar a todos os convidados, os quais trocaram entre si laços de amizade e as suas impressões acerca do turismo como força impulsionadora duma maior compreensão e solidariedade entre todos os povos amantes da Paz, porque só em Paz se pode fomentar o turismo.

## JOMELUZ

### acompanha o progresso

Após importantes obras de remodelação, reabriram há dias as suas portas na Rua Dr. Justino Gumano, 13, em Faro, os Estabelecimentos Jomeluz.

Este facto serviu de pretexto para que nas suas dependências se reunissem algumas dezenas de convidados, os quais puderam apreciar novos módulos de iluminação Philips e, portanto, importantes inovações na técnica da luz.

Como agente oficial daquela importantíssima organização mundial, a Jomeluz está agora em condições de fornecer o mercado local de material eléctrico destinado a todos os fins.

Participaram neste convívio presidentes e vereadores de várias Câmaras do Algarve, engenheiros da especialidade e representantes dos órgãos da comunicação social e todos foram amavelmente recebidos pelos gerentes da firma, srs. Joaquim Manuel Calisto Neto, Dr. Seabra de Magalhães e Fernando Alves.

O electrotécnico sr. Machado, responsável do sector na empresa, prestou inteligentes e valiosas informações.

No final, num hotel da cidade, os convidados foram obsequiados com um beberete.

## VENDEM-SE

Apartamentos de 3 assoalhadas em FARO ou trocam-se pelos de praias.

Trata: Manuel Bota Filipe Viegas — Vale d'Éguas — ALMANCIL — Telef. 94115.

## FALECIMENTO

Vítima de atropelamento, faleceu há dias em Almancil, a sr.ª D. Emília do Carmo Norte, natural e residente naquela povoação. A saudosa extinta, que contava 76 anos, era viúva e mãe dos srs. Manuel Guerreiro Valério, residente nos Estados Unidos da América, Major Custódio Guerreiro Norte, residente em Lisboa, e do nosso prezado amigo e assinante Dr. Cristó-

vão Guerreiro Norte, advogado e Deputado à Assembleia da República e da sr.ª Dr.ª Libânia Maria Norte Valério, advogada, residente em Lisboa.

O funeral, que constituiu uma autêntica manifestação de pesar, contou com largas centenas de pessoas vindas de todo o Algarve.

A família enlutada apresentamos sentidas condolências.



# O drama da olivicultura em Portugal

(continuação da pág. 5)

É de aconselhar que os olivicultores devem, tanto quanto possível conceber a sua exploração como uma empresa comercial e a sua oliveira como um investimento financeiro e estudar o ritmo dos melhoramentos técnicos.

Os numerosos especialistas que se têm debruçado sobre o assunto, aconselham a seguir o desenvolvimento económico desta cultura, cuja produção, nalguns países, como a Grécia, Itália, Espanha e Tunísia têm aumentado, ou se têm mantido, como na Argélia, enquanto em Portugal, diminuiu, em 20 anos, para menos de metade.

No quadro estatístico da produção mundial de azeite nos principais países anteriormente citados, a diminuição de Portugal explica-se por várias causas.

Em primeiro lugar, é a redução do número de oliveiras em determinadas zonas, como no distrito de Santarém e Leiria, e sua substituição por outras espécies vegetais, mais rendíveis.

Por outro lado o olival português tem envelhecido e não lhe tem sido aplicada a técnica do rejuvenescimento como vimos fazer há já dez anos na Estação de Olivicultura de Elvas, onde a maestria dum técnico de categoria internacional, como é o agrónomo Fausto Cidralis, consegue que as velhas oliveiras de tronco carcomido, depois de feitas as podas e enxertias apropriadas, reverdecessem e voltassem a produzir quasi tanto como as oliveiras novas.

A Estação de Olivicultura de Elvas, mandada construir com as receitas obtidas pela Junta Nacional do Azeite na exportação do azeite, e segundo os conhecimentos mais actualizados dos agrónomos portugueses, espanhóis e italianos, tem cursos de podadores e enxertadores que

se espalham por todo o País e podem ajudar a rejuvenescer o olival português — e é hoje administrado pelos competentes serviços do Ministério da Agricultura e Pescas.

A Imprensa Regional bem poderia divulgar os conhecimentos técnicos publicados periodicamente pela Estação de Olivicultura de Elvas, acerca dos cuidados a ter com as árvores, não só no que respeita à sua fertilização e tratamentos contra as doenças, como, na época da colheita, a forma de a tornar mais económica.

Quando, em 1950, visitámos o sul de Espanha que, nessa altura, atravessava as consequências da devastação produzida pela guerra civil de 1936-39, vimos os olivais da zona de Jaen — Córdova — Sevilha todos lavrados — embora não houvesse combustível para movimentar os automóveis particulares que, praticamente, quasi não existiam. Mesmo os autocarros eram velhíssimos, assim como os táxis de Madrid.

Mas havia combustível para lavar os olivais do sul de Espanha porque, explicaram-nos, a azeitona de conserva e o azeite representavam o ouro de Espanha, ou sejam as divisas de que a sua economia precisava, para subsistir e sair da crise, como de facto veio a suceder.

Em Portugal, quando a Imprensa fala em crise na olivicultura reflecte o pensamento da Lavoura baseada principalmente no conceito de agricultura de consumo ou de subsistência, em que quasi tudo o que é colhido se destina ao sustento da família e dos animais. Mas a agricultura moderna, pelo contrário, é a agricultura de mercado ou de produção que resulta duma evolução da primeira e que é necessário que se processe rapidamente entre nós.

Para obter mais lucros o olivicultor precisa de melhorar os

seus meios de produção.

Mesmo no surto de desenvolvimento económico que se processa actualmente no mundo, verifica-se uma constante alteração de preços nos produtos agrícolas da grande agricultura, como são os mais baixos preços dos óleos comestíveis refinados de soja, de cártamo, de girasol, de amendoim e outros, de tal modo, que até conseguem alterar os hábitos alimentares de grande parte dos consumidores.

Embora o azeite seja considerado pelo seu paladar requintado e pela sua constituição química, num óleo de grande valor alimentar — visto ser aquele que contém a maior percentagem de ácido oleico de que é constituída a gordura do corpo humano e por isso o azeite é melhor absorvido do que os outros óleos.

Segundo o Estudo Científico e de Síntese, realizado sob a égide do Conselho Oleícola Internacional, pelo professor de Medicina Social da Universidade de Roma, Púlio Viola, concluiu-se que o líquido que sai da árvore de Minerva, e que foi cantado pelos poetas antigos, pode ainda ser cantado pelos homens da ciência moderna, por causa do seu aroma, digestibilidade, composição química de semi-insaturação, património vitamínico e anti-oxidante, predados que só podem contribuir para uma boa saúde humana.

A verdade é que, a sedução do menor preço dos óleos fixos concorrentes do azeite, faz com que o consumo do azeite diminua.

E nestas circunstâncias, o lavrador não pode pensar numa elevação acentuada do seu preço, sob pena de ver o seu produto retido no armazém.

Daí, a necessidade de introduzir cada vez mais a máquina na sua actividade.

Mesmo se analisarmos os factores de produção duma agri-

cultura moderna, verifica-se facilmente que a utilização normal do homem é a direcção e o trabalho intelectual.

A dos animais é a produção de carne e dos sub-produtos (lã, leite, gordura, ovos, coiros, etc.); e que cabe à máquina e aos motorizados o principal esforço de tracção. Estes, colocados na mão do homem, multiplicam-lhe a força, reduzem-lhe a fadiga e auxiliam-no em todos os trabalhos de produção animal e vegetal.

Foi assim que vimos no último verão na Itália, que atravessámos de Norte a Sul. O olivicultor português deve visitar a antiga Estação de Olivicultura de Elvas que hoje pertence ao Centro de Investigação e Divulgação Agrícola — CIDA — do Ministério da Agricultura e Pescas.

Cruz da Assumada — Loulé



BENTO LOPES

## AGRADECIMENTO

Sua família, a fim de evitar falta involuntária, por desconhecimento de moradas das pessoas que, de qualquer forma, comparilharam da sua dor, vem tornar público o seu mais penhorado agradecimento a quantos se interessaram pelo estado de saúde do saudoso extinto durante a doença que o vitimou e bem assim a todos aqueles que acompanharam à sua última morada. Agência Cavaco

E se na sua pequenez agrícola não puder adquirir a máquina boa, mas cara, para varejar as suas oliveiras, faça com que a Cooperativa Agrícola do seu Concelho a adquira para serviço da colectividade.

Variacão da produção do azeite em Portugal por distritos, nos quadriénios de 1955-58 e 1974-77, em toneladas:

	1955-58	1974-77
Aveiro	682	227
Beja	7 847	6 170
Braga	887	293
Bragança	5 166	2 945
Castelo Branco	8 743	4 347
Coimbra	4 875	1 543
Évora	7 156	4 037
Faro	3 487	1 363
Guarda	3 225	1 765
Leiria	3 799	1 370
Lisboa	1 523	254
Portalegre	10 228	6 368
Porto	425	187
Santarém	14 802	5 592
Setúbal	1 526	603
Viana do Castelo	719	300
Vila Real	2 142	1 439
Viseu	3 321	1 764

TOTAIS: 80 553 40 567

Fonte: Estatísticas Agrícolas do I. N. E.

Por outro lado, convinha que o Instituto Nacional de Estatística promovesse novo inquérito à existência de árvores de fruto e oliveiras, idêntico ao que foi feito e publicado em 1954, a que atraz nos reeferimos, porquanto qualquer estudo económico que se faça sobre os números de há 25 anos — um quarto de século! — saem concertezza errados!

E é que, como no tempo de Pitágoras, os números continuam a governar o Mundo!

A. DE SOUSA PONTES

P. S. — Na visita que no fim de Dezembro último fiz a Huelva, tive ocasião de comparar o porte bem ordenado dos oliveiras espanholas, com a falta de cuidado das algarvias!

## FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE», pelo Dr. Ataíde Oliveira

— O que faz por aqui?

— Sou uma pobre moura encantada. Quando a minha raça foi expulsa da província, viu-se meu pai forçado a sair sem poder prevenir-me. Eu tinha um namorado que também fugiu, e eu aqui fiquei sozinha, esperando a cada momento a vinda de meu pai para me levar consigo. Em uma noite esperava que algum barco mouro aqui chegasse, vi ao longe uma luz à proa de uma embarcação. A noite era de tormenta, e a embarcação escangalhou-se de encontro aos rochedos. Não era meu pai que ali vinha: era o meu namorado, que foi engolido pelas ondas. Soube meu pai em África deste funesto acontecimento e vendo que lhe não era possível vir buscar-me, encantou-me de lá, servindo-se dos preceitos aconselhados pelas artes mágicas.

Ficou o homem penalizado desta triste história e logo pensou em pôr às suas ordens os poucos ou muitos serviços, que ele lhe pudesse prestar. Neste intento perguntou-lhe:

— E não há algum meio de a desencantar?

— Há, há, respondeu a moura.

Que meio?

— É necessário que um homem me dê um abraço, à beira de um rio, e que me fira no braço contíguo ao coração. Logo que isto suceda, irei de pronto para o meu aduar, onde residem os meus parentes. Há porém uma dificuldade.

— Que dificuldade?, perguntou o sujeito, quase resolvido a fazer as vezes de libertador da moura.

— O homem que me abraçar e me ferir tem de me acompanhar até África.

— Por muito tempo?

— Por toda a vida, respondeu a moura, soluçando. Por isso ainda hoje estou encantada: ninguém se atreve a tanto.

O sujeito ouviu atentamente esta resposta e logo pensou que o sacrifício era realmente muito superior à sua boa vontade. Não quis, porém, desenganar a moura e disse-lhe que ali voltaria em breve.

Não voltou.

E a moura continua no seu encantamento. Ainda não há 10 anos que por ali ninguém passava, porque à hora fatal, à meia noite, aparecia a moura vestida de branco com os seus cabelos de ouro soltos ao vento.

É formosa a moura, mas o sacrifício exigido de quem a queira desencantar é muito grande.

Já tem sido vista em certas ocasiões, sempre de noite, a conversar com um menino de gorro encarnado e olhos grandes. Este menino tem aparecido a muita gente de Olhão.

Seria o menino algum mouro que ali ficasse também encantado?

Ninguém sabe responder.

E todavia o menino e a moura aparecem muitas vezes, e toda a vila se sente estremecer, quando tem notícia de tal aparecimento.

Não é, porém, só este o caso extraordinário de mouras encantadas: há outro e é o seguinte:

\*\*\*

Há em Olhão uma rua chamada de S. Bartolomeu. Passeando por essa rua, há algum tempo, na companhia de um amigo, disse-me este:

— Anda em procura de mouras encantadas e de encantamentos, segundo me acaba de dizer, pois nesta rua mora um sujeito que presenciou um encantamento.

— Como se chama esse sujeito?

— Manuel Caleça Branco. É um homem de setenta anos.

— Posso falar-lhe?

— Vamos vê-lo.

Dirigi-me com o meu amigo a casa do sr. Manuel Caleça Branco e em breves momentos estava na sua presença. É um bom velho com a barba branca e de aspecto franco e aberto, como facilmente encontramos nos homens da sua profissão de pescador.

— Venho a sua casa no intuito de saber a verdade de um facto que lhe sucedeu.

— Que facto?

— Um encantamento que o sr. viu, quando ainda era criança. Bem sei, bem sei: tinha eu oito anos.

— Se não se incomoda, pode contá-lo?

— Sim senhor. Tinha oito para dez anos, andava eu brincando com os rapazes da minha idade ao jogo da bola, quando me apareceu um sujeito desconhecido. Nesta ocasião os meus companheiros de brinquedo tinham já retirado para suas casas.



# O General Galvão de Melo sitiado na Marinha Grande

Os pregoeiros das «amplas liberdades» foram há dias arregimentados para boicotarem uma sessão de esclarecimento realizada na Marinha Grande e promovida pelo Gabinete de Apoio ao General Galvão de Melo. Claro que cumpriram bem as ordens dos seus patrões moscovitas e por isso assobiaram e insultaram um Homem que aceita ser candidato à Presidência da República porque quer contrariar os designios da URSS e não aceita que Portugal se transforme em mais uma das muitas colónias que a Rússia já tem espalhadas pelo mundo.

Pois apesar da gritaria dos comunistas, a voz de Galvão de Melo foi predominante porque... tinha um microfone e a respectiva aparelhagem sonora. Frustrados os seus intentos de silenciar a voz da verdade, através da infernal vozeria, os arruaceiros optaram por cortar a energia eléctrica para calar uma voz que lhes é incómoda.

...E não contentes ainda com o «lindo» trabalho que fizeram, decidiram sequestrar o general Galvão de Melo e a sua comitiva no Cinema da Marinha Grande durante mais de 4 horas.

Com esta sua atitude, mais uma vez se prova que os homens ao serviço do PC são exactamente como eram os homens

da PIDE: fazem tudo para silenciar as vozes que não repetam as cassetes dos patrões que lhes pagam.

São assim os pregoeiros das «amplas liberdades», que agem afinal como autênticas marionetes sem se aperceberem da triste figura que fazem como agentes autênticos de alta traição à Pátria de que são filhos.

## O ÚLTIMO ARTIGO DO MARCHAL GOMES DA COSTA

Foi em Outubro de 1929 que o grande militar, e só neste campo o considero, escreveu o artigo que vai ler-se e que tem, sempre, infelizmente, valor oportuno.

Foi inserto no jornal «A Voz dos Combatentes», número 101, editado em Coimbra a 11 de Novembro de 1930, sob a direcção do capitão e distinto jornalista que em vida deu por nome António José de Campos Rego.

### UM ARTIGO INÉDITO DO GLORIOSO MARECHAL GOMES DA COSTA

«Desde a guerra que vimos no hábito de solenizar o aniversário

do Armistício, hábito que nos vem, por imitação, das nações que com a guerra ganharam.

Porque nós, verdade, verdade, nada ganhámos. E assim, quando entrámos na guerra, foi, diziam, para salvar as colónias... — ora o curioso é que, justamente quando a guerra rebentou, estavam a Inglaterra e a Alemanha a entender-se sobre a partilha das nossas colónias, como toda a gente sabe.

Enquanto a guerra durou não tornou a falar-se no assunto; terminada, porém, a guerra, começaram os zuns-zuns de combinações no mesmo sentido, e, de facto, surgiu um facto mais grave que é a tremenda ideia que os jornais ingleses chegaram a publicar: — a entrega do policiamento da península ibérica à Espanha.

Como, pois, festejaremos a data do Armistício, se voltámos a uma situação de política internacional talvez pior do que antes da guerra?...

Tudo isto, pois, nos faz repugnar qualquer comemoração festiva do Armistício. E por isso, ainda, preferimos lembrar, relembrar sempre, as memoráveis palavras de Taine:

«Neste mundo, é o fraco a presa do forte; sempre que um povo adquire uma forma de organização superior, são os seus vizinhos obrigados a imitá-lo; quem se esquece de fabricar canhões e navios, será amanhã um protegido que se poupa; no dia seguinte, num degrau que se calca, e por fim, um despojo que se engole».

Esta é pois a perspectiva que para nós, Portugueses, apresenta o Armistício, e para a qual nos arrastam os sorrisos, contumélias e disfarçadas submissões; quando após ele, deveríamos ter aproveitado as grandes lições da guerra, tratando de nos preparar e fortalecer para as futuras contingências. E é disso que se

# Que veio Cunhal fazer ao Alentejo?

Alvaro Cunhal, de surpresa (como convém), esteve no Alentejo no último fim-de-semana. E chamavam «Esteves» ao Salazar... Os extremos tocam-se — os ditadores serão sempre ditadores, mesmo que de sinais contrários. Esteve em Arraiolos. Esteve em Campo Maior. Esteve no seu feudo, no seu reino, como quis. E trouxe a chuva, bategas de água a interromper um Inverno-Primavera. Já não é preciso procissão, já não é preciso rezar à santinha.

Veio dar ordens, veio dar instruções, ao povo obediente e cumpridor, ao povo seguidor, ao povo-minoria que não tem mais remédio senão segui-lo.

E falou. Falou com energia. Falou um rei, um senhor, um dono, com a maior desfaçatez, a maior hipocrisia, o maior cinismo que se possa imaginar. Falou em «reposição da legalidade democrática». Mas que legalidade, meu Deus? As do período gongalvista de 1975, o assalto incontrolado? «Impedisse a colheita dos frutos pendentes» — Em 75? «Quando recorrem aos tribunais» e «Todas as decisões do Governo são juridicamente inexistentes» — e as de 75? «Os trabalhadores têm pleno direito a retomar as terras que lhes foram ilegítimamente arrancadas». Como? A força? E as de 75? E, em autêntica rebelião, contra o Governo legal e legítimo, contra o Governo democrático, contra o Presidente da República que o empousou, contra a Assembleia da República eleita e soberana — exclama alto e bom som: «— a ofensiva reaccionária será contida e derrotada, os trabalhadores recuperarão as terras de que foram esbulhados. A luta continua. A Reforma Agrária vencerá. COMO? O que se seguirá neste pobre e eternizado circo alentejano.

deve tratar, primeiro do que tudo, para evitarmos que nos engulam.

Amizades e alianças só entre Nações de poder igual; a aliança entre uma Nação pequena e outro grande, chama-se protectorado; e as amizades entre Nações tradicionalmente rivais, são sempre sofismas.

Neste mundo o fraco é sempre presa do forte. São estes os pensamentos que nos sugere a data do Armistício».

Dois meses após a data em que foi escrito este artigo, Gomes da Costa — a meio de Dezembro de 1929 — falecia. Tinha sessenta e seis anos. Vida agitada, a política não o deixava sossegado, e por isso muitos dissabores passou. Militar de vontade férrea, os conhecimentos gerais da sua profissão deram-lhe autoridade para escrever o que acima ficou arquivado.

«Ai dos fracos!» Frase histórica que bem se coaduna com o caso da nossa Índia: — A nossa aliada não se quis indispor com a poderosa força de Nerhu!

PEDRO DE FREITAS

(in «A Voz do Alentejo»)

## ROLETA RUSSA

Sem autoridade na Rússia não é coisa muito agradável. Desde 1917, excluindo-se Beria, as seguintes personalidades foram executadas como espíões ou traidores:

Nove dos 11 ministros de Estado que estavam em exercício em 1936.

Cinco dos sete presidentes do último Comité Executivo Central.

Quarenta e três dos 53 secretários da Organização Central do Partido Comunista.

Quinze dos 27 proeminentes comunistas que redigiram a constituição de 1936.

Setenta dos 80 membros do Conselho de Guerra Soviético.

Três de cada 5 marechais do Exército Soviético.

Todos os membros do primeiro Politburo pós-revolucionário de Lenine, o seu pequeno gabinete de 1917 — com excepção de Staline.

(in «Seleções do Readers Digest»)

A Voz de Loulé, n.º 773, 10-4-80

### TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE LOULÉ

Sec. Aux.

### ANÚNCIO

(2.ª publicação)

FAZ-SE saber que na Execução Sumária n.º 73/79 que FRIMÓVEL, LDA., com sede em Faro, move contra a executada MADALENA DURÃO CABEÇAS, residente no restaurante «Viking», em Vilamoura, freguesia de Quarteira, desta comarca, é esta executada CITADA para no prazo de 5 dias, finda a dilação de 30 dias, que começa a correr depois da segunda e última publicação do presente anúncio, deduzir oposição, pagar à exequente ou nomear bens à penhora, sob pena de não o fazendo se devolver à exequente o direito de nomear bens à penhora, já que esta é credora da executada da quantia de 12 109\$60, conforme letras juntas ao processo e que não foram pagas no prazo ou vencimento.

Loulé, 19 de Março de 1980.

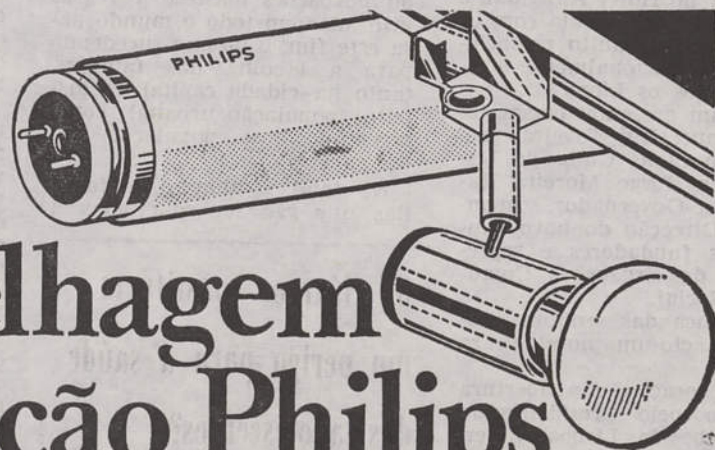
O Juiz de Direito,  
a) Mário Meira Torres Veiga

O Escrivão de Direito,  
a) Américo Guerreiro Correia

### AGÊNCIA VICTOR

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES  
Serviço Internacional  
Telefones 62404-63282  
LOULÉ — ALGARVE

# Lâmpadas e toda a aparelhagem de iluminação Philips



Visite as NOVAS INSTALAÇÕES

Estabelecimento

jomeluz



COMÉRCIO DE ARTIGOS ELÉCTRICOS, LDA.

Rua Dr. Justino Cúmano, 13  
Telefone 24432 - 24021 - 28018  
8000 FARO



# A Quarteira

## Abre horizontes à implantação do «Lions Internacional» no Algarve

Apesar de se tratar de uma organização internacional que conta com mais de um milhão de homens de quase 150 nações e áreas geográficas, o «Lions Internacional» ainda não tinha qualquer representação no Algarve. Não tinham, é, portanto, um tempo passado. Hoje, já tem, graças à boa vontade de algumas pessoas que vivem apaixonadamente os problemas do «Lions Internacional» e desejam alargar cada vez mais a sua benéfica acção. E' dizemos benéfica acção porque na verdade os objectivos desta organização são essencialmente:

«CRIAR e fomentar um espírito de compreensão entre os povos da Terra.

PROMOVER os princípios de bom governo e boa cidadania.

INTERESSAR-SE, activamente, pelo bem estar cívico, cultural, social e moral da comunidade.

UNIR os clubes com laços de amizade, bom companheirismo e compreensão recíproca.

PROMOVER um fórum para a livre discussão dos assuntos de interesse público, exceptuando-se os assuntos de ordem política e religiosa, os quais não devem ser discutidos pelos sócios do clube.

ESTIMULAR os homens de mentalidade de serviço a servir suas comunidades sem recompensa financeira pessoal, e estimular a eficiência e promover elevado padrão de ética no comércio, indústria, profissões, serviços públicos e empreendimentos privados.

Este ideal define, de uma forma específica, as vantagens de cada vez mais se fomentar um movimento de solidariedade e boa amizade entre os homens, de forma a que cada um se sintam mais feliz e realizado por poder contribuir para a felicidade do seu semelhante. E isto porque os homens que se ligam ao «Lions Internacional» ficam com a obrigação moral de se preocuparem com a sua comunidade e interessar-se pelo bem estar dos seus habitantes, pelo seu progresso e pela melhoria das suas condições de saúde.

Não é, portanto, de estranhar que se tivesse gerado um certo movimento de simpatia pelo «Lions Internacional» logo que foram feitas as primeiras sondagens para se criar o primeiro Clube no Algarve.

Circunstâncias várias favoreceram Quarteira, pois aí se estabeleceram os primeiros contactos. A eles se seguiram várias reuniões até que, finalmente, no dia 22 de Março, foi oficialmente criado o «Lions Clube de Quarteira», em cerimónia que teve lugar no Hotel Alfa Mar e se realizou de harmonia com os preceitos de há muito estabelecidos e internacionalmente aceites por todos os Lions.

Estiveram presentes os srs. tenente-coronel Rui Taveira, presidente do Lions Clube de Lisboa Mater, Jorge Moreira Raposo, Vice-Governador, membros da Direcção do novo Clube, sócios fundadores e representantes dos órgãos da Comunidade Social.

A presença das senhoras imprimia ao acto uma nota de rara distinção.

Após a oração e a abertura da sessão pelo presidente do Lions Clube de Lisboa Mater, seguiu-se o cumprimento das normas regulamentares, nomeadamente, a leitura do Código da Ética Lionística, e dos objectivos do Lionismo, a tomada de compromisso, e a posse da Direcção do novo Clube.

Falaram depois o presidente do Lions Clube de Quarteira, sr. Renato José dos Santos e Sousa, o presidente do Lions Clube de Lisboa, o Vice-Governador, o Jornalista Neto Gomes e Ivan Thomas MacMillan, padrinho do novo Clube.

A direcção do novo Clube é formada pelos srs. Renato José

dos Santos e Sousa (presidente), Carlos Jorge Marques Henrique (secretário), José Gomes Romeira Morgado (tesoureiro), José Eduardo Gonçalves Pereira (director crítico), Raul Proença (director social) e Ivan Thomas MacMillan (de animação).

É curioso salientar que o Lions Internacional é considerada a maior organização mundial de serviços e conta com 33 000 clubes filiados e cerca de 1 300 000 sócios. A sua actividade estende-se ao auxílio a deficientes auditivos e visuais, havendo cerca de 50 mil cegos em todo o Mundo que recuperaram a vista beneficiando daquele auxílio.

O Lionismo em Portugal é uma realidade, pois conta com 46 clubes espalhados por todo o País, existindo 1 200 Lions e 300 jovens nos 15 clubes Leons. E foi graças ao dinamismo e espírito de solidariedade que é

apanágio destes homens que foi possível conseguir, no curto espaço de 15 dias, os 3 600 contos com que o Lions Clube contribuíram para ajudar as vítimas do sismo dos Açores.

Estimulados pelo êxito da criação do Clube de Quarteira, já está projectada a constituição de um novo Clube em Albufeira, admitindo-se que tenha a sua sede no solar de S. João, próximo da Praia da Oura.

Felicitemos os dirigentes do Lions Internacional pela rapidez com que conseguiram criar o Clube de Quarteira e desejamos que os seus dirigentes e «companheiros» consigam desenvolver profícua actividade no sentido de fomentar um sadio espírito de compreensão entre os homens, promovendo os princípios de boa cidadania e interessando-se activamente pelo bem estar cívico, cultural, social e moral da comunidade.

### CENTRO DE ESTUDOS DE NUTRIÇÃO

Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge

## Inquérito Alimentar Nacional

Vai realizar-se, finalmente, e pela primeira vez no nosso País, ainda em 1980, um inquérito sobre a forma como a população se está a alimentar, desde as aldeias às cidades. Será efectuado em dois períodos diferentes do ano: o primeiro, a partir de 15 de Abril, e o segundo, depois do dia 13 de Outubro próximo.

O inquérito, cujo estudo e orientação são da iniciativa do Centro de Estudos de Nutrição (CEN) do Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge começará pela colheita de dados referentes ao consumo real de alimentos pelas pessoas. Esta colheita é efectuada com a colaboração de técnicos da Direcção-Geral de Extensão Rural e pelas Direcções Regionais de Agricultura do Ministério da Agricultura e Pescas. A avaliação do estado de saúde da população nas suas relações com a alimentação será realizada pelos Centros de Saúde, com a colaboração dos Laboratórios Distritais de Saúde, da Direcção-Geral de Saúde. O plano do inquérito tem a aprovação do Instituto Nacional de Estatística, o que lhe confere ainda maior importância técnica e científica.

Abrange os 18 distritos do Continente e, em cada um será realizado na respectiva cidade capital e em várias freguesias de alguns concelhos. A escolha dos concelhos e das freguesias ou povoações obedece a regras utilizadas em todo o mundo para este fim, o mesmo sucedendo para a escolha das famílias, tanto na cidade capital do distrito (população urbana), como nos concelhos (população rural).

No total, o número de famílias que vão ser solicitadas a

tomar parte no inquérito é de cerca de 1665, nas capitais de distrito, e 4335, nas freguesias dos concelhos, o que dá um número total de pessoas, da ordem das 18 000.

Os dados que se procuram obter têm em vista:

a) conhecer a maneira como o Povo Português se está a alimentar nas diferentes regiões do Continente, tanto nos meios urbanos como rurais, que alimentos são consumidos e em que quantidade, e verificar se a nossa alimentação está próxima ou afastada da alimentação racional estudada para os vários grupos etários (pessoas agrupadas por idades e sexos);

b) saber quais são os hábitos alimentares predominantes da população e se os mesmos são correctos ou errados, principalmente nas crianças, grávidas, trabalhadores e idosos;

c) saber se as pessoas inquiridas apresentam doenças ou estados anormais resultantes de alimentação mal ajustada às suas necessidades, mesmo sem disso terem conhecimento, ou se estão em risco de vir a sofrer, dentro de algum tempo, de doenças ligadas a essa alimentação errada.

O inquérito será realizado por inquiridores devidamente credenciados. Para o estudo do consumo de alimentos, os inquiridores procurarão junto da família (responsável, «dona de casa») colher uma série de dados sobre o que cada indivíduo do agregado familiar come num dia corrente, e quais os alimentos mais frequentemente usados.

Outras informações, constantes das folhas do inquérito, serão também solicitadas, com vista a determinar se cada membro da família, a esta no conjunto, se alimentam certa ou erradamente. Dentre elas, destacam-se os tipos de culinária utilizados e condições do ambiente que vão influenciar, no fundo, o estado de saúde de cada um.

As pessoas que tomarem parte no inquérito será feito um exame médico completo, bem como uma série de análises (algumas raramente feitas em Portugal) para determinar se a alimentação que as pessoas estão a fazer pode provocar doenças de que não se apercebem, em curto prazo de tempo ou, mesmo, só alguns anos mais tarde.

Quando o exame clínico ou análises revelarem situações anormais, os inquiridos serão avisados para entrarem em contacto com os serviços de saúde da sua área, a fim de serem assistidos medicamente para resolução dos seus casos.

O inquérito alimentar, os exa-

## A AGÊNCIA DE LOULÉ DO B.N.U. foi inaugurada há 25 anos

A inauguração da Agência de Loulé do Banco Nacional Ultramarino foi acontecimento local há 25 anos! O prestígio, a solidez e a antiguidade foram desde logo fortes motivos de confiança até mesmo para aqueles camponeses que desde sempre se tinham habituado a guardar as suas economias «debaixo do colchão».

O Banco do Algarve e a Caixa Geral de Crédito eram as 2 únicas instituições bancárias em Loulé e operavam com impecável honestidade e a eficiência que caracterizava os seus gestores, mas parecia vantajoso um certo critério de concorrência porque em Loulé havia homens capazes de fomentar novas actividades criadoras de riqueza desde que se lhes proporcionassem maiores facilidades de crédito.

E o Banco Nacional Ultramarino veio preencher essa lacuna

e os administradores tiveram também o bom senso de escolher para seu primeiro gerente um louletano que conhecia Loulé de ponta a ponta e disfrutava de gerais simpatias em todo o concelho.

Essa a principal razão porque a Agência de Loulé do B. N. U. evoluiu rapidamente, registando um extraordinário movimento que depressa ultrapassou as mais optimistas previsões.

Em 14 de Março de 1955 eram apenas 6 os empregados. Hoje são 25 os que trabalham em perfeita harmonia, são espírito de equipa, reconhecida competência e operacionalidade numa agência que, em dia de festa, conseguiu reunir todos os seus colaboradores e respectivos cônjuges, em saudável confraternização para assinalar as Bodas de Prata da instituição que servem com dedicação.

Os 25 anos da Agência de Loulé do B. N. U. foram, pois, festejados com um alegre jantar que se realizou no passado dia 14 de Março, no restaurante «Duas Sentinelas» e serviu de pretexto para um agradável convívio entre os actuais funcionários e os gerentes que passaram por Loulé nos últimos anos.

Para se associarem à efeméride deslocaram-se especialmente de Lisboa o principal Gestor do B. N. U. sr. José Vitorino, o Subdirector sr. Augusto Leote Inácio, o sr. Dr. Carlos Bagão e ainda o Director sr. João Ramos.

A iniciativa da criação em Loulé duma Agência do B. N. U. partiu do então Governador Francisco José Vieira Machado, que entusiasmou o nosso conterrâneo Raúl Rafael Pinto a abandonar as suas funções de Chefe da Secretaria da Câmara de Loulé para dinamizar a acção daquela instituição de crédito no nosso concelho. Provou-se depois que a escolha foi acertada porque foi notável o trabalho desenvolvido não só em benefício do banco como também de toda a economia da região, que assim passou a contar com o forte apoio de uma poderosa organização de crédito, o que contribuiu para o incremento de actividades antigas e a criação de outras que foram surgindo.

Além do sr. Raúl Pinto, que foi o primeiro gerente, também esteve presente o antigo gerente sr. Jesus Maló Rocha. Nenhum dos antigos primeiros funcionários já trabalhava em Loulé, mas os novos souberam recordar os nomes daqueles que foram ali seus colegas de trabalho e também por isso esta festa de confraternização teve um cunho muito simpático de confraternização e até proporcionou que fossem tratados problemas relacionados com a actividade bancária e com os interesses da instituição que servem.

## Faleceu o Dr. José Jerónimo Guerreiro

Vítima de um acidente vascular cerebral, que o reteve 5 dias na cama, faleceu no Hospital de Loulé, no passado dia 27 de Março, o nosso compatriota, prezado amigo e dedicado assinante sr. Dr. José Jerónimo Guerreiro, natural de S. Bárbara de Nexe e que há muitos anos fixara residência em Loulé.

Licenciado em Filologia Germânica, pela Universidade de Lisboa, abraçou a carreira docente, tendo leccionado em Olhão e Faro e, ultimamente, era professor na Escola Secundária de Loulé.

O saudoso extinto, pessoa muito conhecida e estimada em Loulé pela sua natural bondade,

deixou viúva a nossa conterrânea sr.ª D. Maria Cândida Gonçalves Oliveira Guerreiro e era pai do nosso estimado amigo sr. Dr. José Manuel Oliveira Jerónimo Guerreiro, médico em Torres Novas e cunhado do nosso velho amigo e assinante dedicado sr. José Gonçalves de Sousa Oliveira, tesoureiro do Centro n.º 9 da Rodoviária Nacional, em Faro, casado com a sr.ª D. Maria Celina do Carmo Barão Sousa Oliveira e também da sr.ª D. Maria Eleonora Gonçalves Oliveira, enfermeira na Casa da Primeira Infância em Loulé.

A família enlutada endereçamos a expressão do nosso sentido pesar.